

Eleições nos Açores. Investigadores destacam abstenção e pluralismo

Marina Costa Lobo e António Maltez, dois especialistas na área da ciência política, consideram que as eleições dos Açores foram marcadas pela abstenção e pela "festa do pluralismo".



Agência Lusa Texto

26 out 2020, 16:06



▲ Segundo a especialista em Ciência Política, a maioria da população nos Açores com direito de voto não foi às urnas, marcando um certo desinteresse

ANDRÉ KOSTERS/LUSA

As eleições nos Açores ficaram marcadas **por uma elevada taxa de abstenção**, pela perda da maioria absoluta pelo PS, que deixa tudo em aberto, segundo a investigadora Marina Costa Lobo, que salientou a ausência de António Costa na campanha.

De acordo com a investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), há várias ponderações a fazer para encontrar governabilidade nos Açores, após as eleições legislativas que se realizaram no domingo.

“Por um lado, **temos a abstenção que foi a segunda mais elevada de sempre ao que parece**, portanto, apesar de ter havido uma diminuição em relação às eleições anteriores continua elevada. Temos 55% de abstenção, o que é surpreendente, tendo em conta a oferta partidária que existe com partidos que já têm implantação a nível nacional e que não conseguem diminuir a abstenção”, disse.

Segundo a especialista em Ciência Política, a maioria da população nos Açores com direito de voto não foi às urnas, marcando um certo desinteresse.

“**Depois temos a perda da maioria absoluta do PS**, que é significativa no sentido em que pode ter havido um desgaste na medida em que há um conjunto muito grande de mandatos. No entanto, gostava de assinalar um pequeno facto: António Costa foi o único líder partidário que não esteve em campanha, que não foi aos Açores. **O primeiro-ministro não arranhou tempo para apoiar Vasco Cordeiro nesta batalha eleitoral**”, salientou.

No entendimento de Marina Costa Lobo, a ausência de António Costa não foi decisiva para o resultado, mas marcou o debate e um certo desinteresse.

“O PS não tem a maioria para formar governo, essa maioria pode estar à direita e aqui colocam-se questões sérias. Assistimos a uma fragmentação do eleitorado à esquerda e à direita e isso suscita questões importantes quer para o PSD como para os outros partidos”, disse.

E acrescentou: “**O PSD se entrar em coligações com partidos novos recém-chegados está a legitimá-los e a permitir a prazo que eles se consolidem o que até agora não aconteceu**. Por outro lado, os pequenos partidos que se apresentam como antissistema, se na primeira ocasião fazem coligação com o PSD estão a negar essa própria condição da sua natureza de antissistema”, explicou.

Para Marina Costa Lobo, os resultados eleitorais com a perda da maioria absoluta revelam ser um sinal dos tempos, da grande fragmentação dos partidos que se tem vindo a assistir.

“Esta fragmentação cria um contexto que coloca o ónus nas elites políticas para decidir onde traçam as linhas vermelhas, quem são os parceiros coligação aceitáveis e não aceitáveis e que portas querem abrir para a legitimação partidária de outros”, frisou.

Dos resultados eleitorais, a investigadora do ICS-UL destacou também a perda pelo PCP do único deputado que tinha, deixando de estar representado na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

“É um mau resultado para o PCP. Sistemáticamente temos vindo a verificar desde que o PCP disse sim à geringonça. **É o partido que mais tem sofrido nas urnas**. Tem

tentado de alguma forma manter-se na competição, mas tem perdido a sua especificidade”, referiu.

Para a especialista em Ciência Política, é um sinal para todos os partidos mais pequenos de que há risco na saída do papel da oposição para partido que está disponível para pactos de governação.

“É uma derrota a somar às que já teve nas autárquicas de 2017, legislativa e europeias”, concluiu.

Adelino Maltez destaca pluralismo que obrigará PS a negociações permanentes

O politólogo e professor Adelino Maltez considerou esta segunda-feira os resultados das eleições nos Açores uma **“festa do pluralismo”** que vai obrigar o PS a uma engenharia pós-eleitoral e a negociações permanentes ao longo do mandato.

O histórico confronto **“entre os dois partidos dominantes”** na região, PS e PSD, levou a que, entre “tanto enfrentamento”, não se tenha antecipado que destas eleições resultariam “tantas forças sentadas no parlamento” (oito), afirmou o professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), da Universidade de Lisboa, em declarações à Lusa.

A eleição pela primeira vez de deputados do PAN, da Iniciativa Liberal e do Chega, a que se soma a perda de eleitos por parte do PCP, resulta, segundo o politólogo, numa **“festa do pluralismo”** que vai reforçar o parlamentarismo açoriano, mas também obrigar a “uma engenharia com possibilidade de sucessivas coligações negativas face ao partido que venceu em termos relativos”, o PS.

Os resultados da votação nos Açores **“exprimem uma geografia eleitoral cada vez mais próxima da geografia da República”**, considerou Adelino Maltez, sublinhando a influência dos resultados eleitorais do continente na tendência de voto do arquipélago.

Já no que toca a coligações pós-eleitorais nos Açores, “as coisas não se traduzem com tanta facilidade”, afirmou, defendendo que, mais do que a formação de uma “geringonça”, o que terá de haver é “capacidade de flutuação do partido mais votado para captar apoios para cada caso”, numa “negociação permanente que vai marcar o trabalho de Vasco Cordeiro”, enquanto reforça o parlamentarismo.

As “engenharias pós-eleitorais” levantam também o receio do agravamento de uma crise política que “preocupa os açorianos”, mas Adelino Maltez não tem dúvidas de que “há uma pulsão de unidade que vai **ultrapassar as divergências no**

sentido da autonomia” – PS e PSD não deixarão de “estar juntos” no que respeita à defesa dessa autonomia.

O PS venceu as eleições legislativas regionais dos Açores de domingo, mas perdeu a maioria absoluta que tinha no parlamento da região desde 2000.

Os socialistas elegeram 25 deputados, menos cinco do que há quatro anos, e o PSD, o segundo partido mais votado, conseguiu 21 mandatos, mais dois do que em 2016.

O CDS-PP continua a ser o terceiro partido com maior representação no parlamento regional, mas perdeu um dos quatro mandatos conquistados há quatro anos.

O quarto partido mais votado foi o Chega, que pela primeira vez concorreu às legislativas regionais e elegeu dois deputados, o mesmo número de mandatos conseguidos pelo BE (mantendo o resultado de 2016).

O PPM duplicou a sua representação parlamentar e passa a ter dois deputados (um deles eleito em coligação com o CDS-PP).

As eleições dos Açores de domingo marcam ainda a entrada pela primeira vez no parlamento regional da Iniciativa Liberal (um) e do PAN (um).

Por outro lado, o PCP deixa de estar representado na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.